Apresentação

Desde que inventada, a América Latina assiste à constante reinterpretação dessa invenção, num esforço que é, ao mesmo tempo, interno e externo. A preocupação latino-americana com a identidade permitiu ensaios como os de Octávio Paz, Luís Romero, Lezama Lima, Sérgio Buarque, Gilberto Freire, dentre outros. Esse "semi-continente" parece ser o lugar onde os textos ensaísticos frutificaram em interface à perspectiva historiográfica, que, apesar do esforço contínuo, não conquistou sozinha o apelo à identidade americana.

O desejo de encontrar o lugar da América no Ocidente incidiu também no ato de elaboração das "histórias nacionais", exigindo do pesquisador a leitura dessas narrativas, com vistas a compreender de que forma as memórias e as identidades compuseram a trama. Os projetos que pretendiam forjar "nações" tinham de, simultaneamente, reconhecer a diversidade e a peculiaridade latino-americanas, considerando a matriz cultural da colonização, que emprestou sentido à constituição americana. Assim sendo, a identidade latino-americana não se libertava – e como poderia? – do paradigma de ter sido colônia. Do incômodo quanto a esse atrelamento, emergiu a premência: reverter o paradigma colonial era o desafio, desfazer-se dos mecanismos de dependência econômica era imperativo, reinventar idéias e estabelecê-las num lugar (ao mesmo tempo, fértil e fertilizado por elas) era o desejo. Mas, no meio do caminho, ficava a memória colonial, aguçada pelos desencontros das guerras de independência.

A busca de identidade e a memória colonial encontravam-se imbricadas, tecendo uma historiografia que não era nacionalista apenas por apego a um projeto político, mas que, se assim se portava, era porque, no confronto entre atores históricos e intérpretes, a historiografia descobria uma "vocação": a de ser representante de uma identidade latino-americana, que lhe era negada externamente. Nesse sentido, o lugar privilegiado concedido às

histórias nacionais representava muito mais do que importação mecânica do modelo de História européia. Pode-se criticar o resultado desse esforço, mas não se pode esquecer dos liames de historicidade dessa historiografia, que ultrapassam o caráter histórico para alcançar o desejo de instituir um lugar referencial para a América Latina. Por ser elemento da cultura e expressão de suas potencialidades, a historiografia ordena um sentido coletivo, ao mesmo tempo em que se vê entrecortada pela memória, essa última dependente das referências e dos códigos culturais ansiosos por mecanismos de socialização.

As premências anunciadas não podiam escapar por longo tempo aos atores históricos, mesmo que eles assim quisessem. Não foi a historiografia sozinha que descobriu, manipulou e traduziu os dados do "real sensível" como "tradição"; muito antes, eles estavam disseminados no discurso dos atores históricos. Desse ponto de vista, inverte-se a premissa de construção das histórias nacionais e da nação: elas se responsabilizaram por ser uma hiper-cola, sustentando a fragilidade inicial dessa mesma construção. Em virtude disso, o interessante para o pesquisador é esmiuçar, desde o primeiro contato e cotejamento entre a fonte e a historiografia, os caminhos que levaram as construções nacionais a se imporem com tamanha força narrativa, associando-se à tradição. A "cola da nação" seria de tal modo absorvida que, *a posteriori*, difícil seria compatibilizar a história da nação (que supõe memória e identidades partilhadas) à multiplicidade das comunidades patrocinadoras de encontro e de confronto nas fronteiras móveis e elásticas dessas mesmas nações.

Enfim, há um discurso vociferante contra a validade em revisitar as "histórias nacionais" americanas. Esse discurso anota, em sua defesa, que os tempos da construção de uma "identidade nacional" passaram. Num campo que se orienta apenas pela crítica ao nacionalismo historiográfico latino-americano, onde cabe a América Latina? Onde cabe esse lugar que desconfia, a seu modo, de uma história cosmopolita e universal, guardando os ranços (e os rancores, porque não dizê-los?) dos projetos nacionais? Onde cabe esse "novíssimo mundo", que ainda mobiliza os gatilhos da nação e das identidades nacionais? Mesmo que se assuma a fragmentação e a multiplicidade, corajosamente, é preciso também assumir a recorrência da América Latina em encontrar uma "explicação de si, para si". Ousar, nesse caso, não é só fazer a crítica às histórias nacionais, anunciando o veredicto de que elas são fruto de um modelo europeu pré-estabelecido ou resultado de um tempo que parece superado. Ousar é, sobretudo, conhecer a matriz orientadora de tais histórias e admitir a dificuldade e ultrapassar a "história-experiência", a que vivencia o nacionalismo militante, ao mesmo tempo em que o critica, na adoção de um

hibridismo teórico-metodológico que não consegue renunciar ao entendimento da matriz cultural da colonização. Da experiência à escrita da história, nesse "Extremo-Ocidente", múltiplas são as abordagens a serem compatibilizadas. Nesse sentido, vivemos no labirinto, mas não somos vítimas indefesas dele; apreciamos esse lugar, afinal, ele nos impõe a interrogação identitária. Em suma, a atitude de ousar não pode se dar por resistência teimosa, mas por um instrumental peculiar, que molda o cotidiano latino-americano: considerados como povos de "pouca memória", dela se têm vasta experiência, pois os signos de outrora permanecem instigando o presente, daí a possível explicação para a resistência aos processos fragmentários, de um lado, e para a afirmação dos desejos ressurgentes de "unidade", do outro. Culturalmente, a unidade permanece entre nós como utopia possível, mesmo que a experiência aponte para a falência do projeto.

As problemáticas apontadas inserem-se em grande parte dos textos arrolados na presente coletânea. Apesar da diversidade temática e dos diferentes períodos históricos enfocados, o dossiê elenca um painel significativo sobre as temáticas trabalhadas pelos pesquisadores em América Latina no Brasil.

O artigo inicial, Literatura e política: o Libro de Manuel de Julio Cortázar, de Adriane A. Vidal Costa, reflete como o autor argentino, nesse romance publicado em 1973, assumiu um compromisso intelectual com a circunstância política e social da América Latina. Em um contexto de decepção com o processo revolucionário cubano, em particular, e com as esquerdas em geral, Vidal aponta como o literato enfatizou a incapacidade dos revolucionários em elaborar um projeto para a autêntica e integral mudança social.

O artigo de Américo Alves de Lyra Júnior, Brasil e Estados Unidos nas percepções de Oliveira Lima e Salvador de Mendonça, trata do debate desses diplomatas e intelectuais sobre a inserção do Brasil na América. O debate em questão tem como pano de fundo as idéias que ressurgiram no Brasil a partir da década de 1870, simpáticas à causa republicana e tendo como contraponto a Doutrina Monroe e o Corolário Roosevelt. Em virtude da temática escolhida, esse artigo permite o cotejamento com o texto de Teresa Malatian, que também compõe esse dossiê.

O artigo de Gabriel Passetti, A Confederação de Salinas Grandes e a participação política indígena na Argentina (1852-1872), enfoca a resistência indígena ao avanço sobre seus territórios no sul da Argentina, nas primeiras décadas do século XIX, não obstante participarem da política, das guerras e das trocas comerciais, organizados em confederações. Neste

texto, o autor analisa a Confederação de Salinas Grandes e o seu cacique, forças políticas nativas relevantes na Argentina durante meio século.

O artigo A honra perdida de Rafaela Sandoval na Independência (Popayan, 1821-1823), de Jaime de Almeida, traz a lume uma fonte da primeira metade do século XIX, "produzida" ainda sob o impacto das guerras de independência. Conforme destaca o próprio autor, trata-se de um processo por estupro aberto por Teresa Laso contra o coronel José Concha. Ao analisar a fonte, Almeida ressalta aspectos pouco debatidos sobre o processo de independência, tais como a expressão escrita juridicamente estereotipada de falas e os silêncios carregados de ressentimentos pelas recorrentes exigências por mais recrutas, suprimentos e recursos pecuniários para o esforço da guerra.

O artigo de José Adilçon Campigoto, Narrativas e culturas de fronteira na América do Sul, ao perscrutar depoimentos tomados no início desta década, reflete sobre a questão da fronteira. À discussão teórica corroboram as narrativas de moradores da fronteira entre Brasil e Paraguai. O autor enfatiza que a linguagem impõe a fronteira da semelhança e da diferença nas narrativas populares ou nos escritos sobre o tema. Tal naturalidade lingüística, porém, não seria uma carência das narrativas ou dos textos e, sim, a demarcação da plenitude da compreensão do mundo, forjada no que os hermeneutas têm nomeado de pré-estrutura da compreensão.

Júlio Pimentel, no artigo Octavio Paz e o labirinto da América Latina, busca, nesta obra clássica, os elementos para a reflexão sobre a identidade latino-americana. Embora a vinculação entre o texto de Paz e a identidade latino-americana seja tema muito debatido, o autor surpreende o leitor na medida em se utiliza de outras fontes, propondo novos caminhos de reflexão. Ao passear pela autobiografia do ensaísta, pelas revisões de sua obra e pelo dilema constante da reescrita, Pimentel revela um Octávio Paz diferente, que desloca e duplica uma reflexão identitária vigorosa, explicitadora do interesse do ensaísta em contribuir com uma possível resposta à crise moderna que fustigava os mexicanos, particularmente, e os latino-americanos, de modo geral.

O artigo de Kátia Gerab Baggio, Dos Trópicos ao Prata: viajantes brasileiros pela Argentina nas primeiras décadas do século XX, analisa três relatos de viajantes brasileiros na Argentina: Arthur Dias, Mário Brant e Luiz Amaral. Tendo como recorte temporal as primeiras décadas do século XX, período em que ocorre uma relativa aproximação diplomática entre Brasil e América Hispânica, a autora se utiliza desses relatos para discutir a alteridade. Ao refletir sobre a natureza dos relatos e apontar a riqueza dessa fonte para os estudos sobre as identidades, o artigo de Baggio expõe aspectos metodológicos

fundamentais, que devem ser considerados pelos pesquisadores interessados nesse campo de investigação.

O artigo de Libertad Borges Bittencourt, Entre as memórias e as identidades: as comemorações do bi-centenário das independências na América Hispânica e os princípios da exclusão, trata das comemorações dos dois séculos das independências na América do Sul. Pensar o "acontecimento em si" e as reflexões sobre o mesmo, após duzentos anos, conduz à interrogação sobre como se viu e se vê o autóctone nesse processo, uma vez que os ameríndios, denominados então de *los de abajo*, foram alijados da história, aparecendo apenas nas reivindicações por uma identidade idealizada.

O texto de Mateus Fávaro Reis, O debate intelectual uruguaio sobre a América Latina e os Estados Unidos do Pós-Segunda Guerra: entre democracias e revoluções, pontua a trajetória político-social uruguaia, particularmente a partir das primeiras décadas do século XX, vinculando essa trajetória à possibilidade dos intelectuais uruguaios constituírem uma análise propositiva para o futuro do país. Segundo Reis, o diferencial dessas análises residiu no fato de que, antes de outros países ou, talvez, com mais ênfase, as questões relacionadas à integração e à democracia circunscreveram o debate intelectual uruguaio.

O artigo de Tânia Costa Garcia, Tradição e modernidade: reconfigurações identitárias na música folclórica chilena dos anos 1950 e 1960, explora a definição de um determinado repertório musical, perguntando-se como esse repertório foi constituído para representar a identidade do povo chileno. A autora demonstra que, durante as décadas de 50 e 60, a tarefa de unir música e identidades foi encampada por acadêmicos, políticos, críticos, produtores musicais, radialistas e artistas daquele país. Nesse sentido, Garcia destaca a importância dos meios de comunicação para a preservação e divulgação do cancioneiro popular.

Fechando o dossiê, o artigo de Teresa Malatian, Oliveira Lima nos Estados Unidos, ressalta alguns aspectos da obra deste autor, entremeando essa avaliação à identificação das múltiplas tarefas assumidas por esse ator histórico. Ambientada no campo da história das idéias, a autora empreende dupla investigação: a análise dos escritos históricos de Oliveira Lima vem acompanhada da reflexão sobre sua atividade diplomática. Essa abordagem conjunta coloca novos problemas à historiografia brasileira, na medida em a atuação de Oliveira Lima teve de considerar a plasticidade entre a fronteira do conhecimento histórico e a dos compromissos diplomáticos.

Este número da *História Revista a*inda conta com dois artigos, cujos títulos e autores são: Autoridade indígena e legislação indigenista no Brasil,

de Valéria Nely Cézar de Carvalho; O catolicismo militante na primeira metade do século XX brasileiro, de Wellington Teodoro da Silva. Há, também, uma resenha da coletânea assinada pelo cientista político chileno Manuel Antônio Garretón, produzida por André Azevedo da Fonseca; e uma tradução do texto de David Brading: *Nacionalismo e Estado na América Hispânica*, o texto retirado é América Ibérica no século XIX: nacionalismo e dependência, organizado por Juan Amores. A tradução foi feita por Alberto Aggio, Aline Maria de Carvalho Pagotto e Ítalo Rodrigo Xavier Cordeiro.

Os artigos que integram o dossiê e os demais são de autoria de professores-pesquisadores, que trazem importantes contribuições para novas reflexões no campo das temáticas da História da América. Boa leitura a todos.

Organizadoras do Dossiê
Fabiana de Souza Fredrigo
Libertad Borges Bittencourt

Comissão editorial
Maria da Conceição Silva
João Alberto da Costa Pinto
Carlos Oiti Berbert Jr.